



Hernâni Bettencourt*

Até parece mentira...

I

A nossa casa da Autonomia continua, a cada sessão, a me surpreender. Como diz o sábio Povo, quando confrontado com acontecimentos estranhos ou até inusitados, até parece mentira. E é essa a expressão que cada vez mais me ocorre quando vejo determinados debates. Ao assistir a um autêntico mortal encarpado com flic-flacà retaguada sobre a Lei do Mar, lá veio a expressão à memória. Mas, infelizmente, é bem verdade o que todos vimos.

Tal como é verdade a discussão prolongada sobre uma proposta do governo relativamente ao IVA para as autarquias. O tema reunia total consenso. Mas, por aquelas paragens, pode-se andar umas horas a discutir a plenos pulmões e depois lá vem a unanimidade na votação. Parece mentira, mais uma vez, mas é bem verdade.

E aconteceu, outra vez, entre as duas maiores bancadas relativamente ao estatuto de quem é mais seguidor de São Mateus (primeiro aos seus). Uns atiram as pedras dos últimos 3 anos de governança e os outros, como seria básico, recorrem a pedras e mais pedras de 24 anos. Não parece mentira? Pois, mas é verdade. Todos vimos e a (quase) todos custa a crer.

O mesmo se pode dizer de intervenções na área da saúde e da educação. Parece mentira que se continue a entrar por caminhos demasiados estreitos. Mas é verdade. E como, também, se falou de animais no plenário, recordei-me de uma outra expressão popular que assenta que nem uma luva: não se vê moita

donde saia coelho!

II

Vem aí mais um partido. É uma importação do arquipélago vizinho. Tere-mos por cá, daqui uns dias, o partido JPP. Juntos pelo Povo. O partido – inicialmente movimento de cidadãos – criado por dois irmãos para concorrer à freguesia de Gaula, concelho de Santa Cruz, na Madeira.

Da conquista da junta de freguesia de Gaula, passou para a Câmara Municipal de Santa Cruz e posteriormente para a conquista de assentos no Parlamento da Madeira. É obra para um partido de âmbito local, de índole popular e sem qualquer ideologia. E agora parece que vem para cá para aproveitar as dissidências do Chega.

Segundo li por aí, o rosto da comissão instaladora do JPP nos Açores é o braço direito do atual deputado independente (ex líder do Chega Açores). Já se está a perceber o papel de um e de outro...

Para já, o início não podia ser mais em falso... Então não é que o assessor parlamentar do ex Chega (atual deputado independente) veio dizer-nos que “há espaço político nos Açores para um partido de cidadania e apartidário”. “Apartidário”? Um partido apartidário?! Parece mentira, não parece?

*Jurista



Victor Hugo Forjaz*

Censura Umbilical

1 -- Hoje trato deste tema porque recebi um e-mail duma colega espanhola, que tenho em Lisboa, onde manifestava grande tristeza pela censura que sentiu nos Açores. E eu concordo porque isso também se passa comigo.

Sei que em diversos sítios oficiais ou semiprivados, sou “persona non grata”. Escrevo escorreito, no geral não sou confuso, os textos não tratam de vulgaridades e são acertivos. Um advogado (que não é quem pensam) passa uma rápida olhada e seguidamente, após amadurecimento, remeto para os jornais de todas as ilhas. Uns pegam logo, outros têm a atenção de informar que “fica para a semana” e alguns entram em meditação silenciosa. Isto é, pura e simplesmente não respondem.

Mas certas pessoas ficam furiosas com o que escrevo. Bem as conheço. 2 -- A censura manifesta-se de diversas maneiras, por vezes subtis. Por exemplo, um jornal que era “amigo” e de repente passa a “inimigo” só porque fiz comentários pesados à “senhora universidade”, a que tenho direito de defender e onde cheguei ao topo da carreira por mérito próprio e não pela política ou pelo casamento....Outra forma de censura consiste em eliminar o opinante de toda a tv local e da tvi. Tenho casos concretos. Ou deixar de o convidar para certas conferências com perguntas, colóquios, sessões de croquetes e “vernisages”.

3 -- Nos jornais açorianos existem umas figuras icónicas, do tipo oráculo, que escrevem bravamente e que ninguém se atreve a discordar. Uma é o Doutor Mota Amaral (agora Catedrático da universidade local), outro é o diarista Dr. Álvaro Dâmaso (com artigos interessantes), outro é o jornalista Osvaldo Cabral (que no Diário dos Açores é uma pernente pena de actualidades e de...veneno), etc. São cronistas semanais ou ocasionais outras individualidades, algumas com temas de válidos.

Existem mais cronistas aqui, S.Miguel, mas na Terceira e no Faial-Pico outros videntes aparecem; mas a maioria é “boazinha”, sem ondas locais, regionais ou nacionais. Embora esteja na moda arriar, com razão, no nosso Primeiro, o Sr Costa, como sói dizer-se em micaelês... Assim eu recordei um dizer que tenho à entrada do meu gabinete colectivo, ou seja, “Quem emite uma opinião tem logo um inimigo”, repetia sabiamente

Luther King.

4 -- A censura não se faz só ao nível de rádio, televisões e jornais. Também se processa ao nível oficial, incluindo o governo. Pede-se uma simples coisa e demoram piques de tempo ou não respondem. É preciso lá ir. A internet paga sempre as culpas. Mando oferta de livros ao governo e nada dizem, salvo a vice-presidência. A direcção regional do ambiente, do tempo da outra senhora, editou um bonito livro bilingue sobre geologia dos Açores. Sou co-autor entre 3. Pois este governo, da nova senhora, decidiu, como se faz nas finanças, cativá-lo. Não se pode vende-lo. Está a apodrecer numa retrete, julgo eu. Liguei para o centro vulcanológico do Lagido do Pico, e um jovem respondeu-me: Há muitos livros, mas o Sr Alonso mandou encaixotar e não pode vender-se, muito menos oferecer !! O Sr Alonso é o patrão, secretário regional, doutorado...

5 -- A censura ao nível de empresas públicas ou semiprivadas (não sei bem os estatutos) e outra notoriedade insular. Têm talvez drones de vigia, com infravermelhos e infraverdes (possivelmente) e a recepção é sempre estudada, com alguns labregos da segurança a olhar e a mascar. A secretária da secretária do secretário chega, atende frequentemente com firmeza germanófila, e “vai ver”. Na geotermia nem me deixam entrar. E no furo RG.4 que explodiu gravemente nas caldeiras da Ribeira Grande, nem pensar !!

Nada li nos jornais ou tvi ou nas outras tvs, incluindo a nossa, muito nossa. Na sismologia é o mesmo, nada se obtem fora dos comunicados triclinicos. Nas águas do Inova tudo é confidencial, dizem as gentis senhoras do atendimento. Para obter dados do radão dos edifícios só falta requerimento em papel selado azul, como no tempo da Junta Geral (os dados da rua conhece os eu...)

A lista é grande e espantosa. Parece soviética...e não vislumbro modo de a modificar. Açoriano sofre -- diria o saudoso e fantástico João Soares.

* Vulcanólogo na Região Autónoma; Professor catedrático